

Consumo não explodirá, diz Malan

É preciso evitar os erros do Plano Cruzado e as amarras do plano argentino, segundo o presidente do BC. Mas haverá âncora cambial e poderão ser criadas políticas compensatórias para exportação

ROLF KUNTZ

Lançado o real, o consumo não deverá explodir como no Plano Cruzado, diz o presidente do Banco Central (BC), Pedro Malan. As condições iniciais serão diferentes: desta vez, não haverá abono salarial e os juros não serão negativos, como em março de 1986, quando surgiu o cruzado.

Além disso, não haverá congelamento de preços e, como a economia está muito mais aberta, será fácil importar para cobrir qualquer aumento de procura.

O governo, segundo Malan, não descuidará da exportação — um risco apontado sempre que se fala em âncora cambial. Na Argentina, o congelamento do câmbio, barateando a importação e encarecendo os produtos exportados, tem sido uma das causas do déficit comercial. Se for necessário, diz o presidente do BC, o governo criará mecanismos para ajudar o exportador, como facilidades fiscais.

Mapa dos erros — O governo está-se preparando, segundo Malan, para evitar tanto os erros do Cruzado quanto as armadilhas do Plano Cavallo. Na Argentina, o Banco

Central ficou amarrado por vários compromissos, como o de trocar 1 dólar por 1 peso, o de manter a livre conversibilidade da moeda e o de conservar uma estrita relação entre as reservas cambiais e a emissão da moeda nacional. Além disso, muita gente se endividou em dólares, porque as transações em moeda americana foram liberadas. Isso também reduz o espaço

para decisões a respeito do câmbio. Com a moeda supervalorizada, a situação comercial pode ficar insustentável. Com a desvalorização, muita gente pode quebrar. Será preciso, diz Malan, evitar que o governo fique preso por todos os lados.

O BC estará pronto, segundo seu presidente, para controlar a expansão do moeda,

um efeito comum, quando a inflação despenca e as pessoas passam a manter mais dinheiro no bolso e nos depósitos a vista. Isso normalmente resulta em aumento do crédito bancário, uma alavanca importante para o consumo. Em São Paulo, na sexta-feira, o diretor da Área Externa do BC, Gustavo Franco, indicou alguns meios de controle. Um passo importante será eliminar o socorro diário aos bancos, para o acerto de suas posi-



GOVERNO
SE APRONTA
PARA CONTER
AS EMISSÕES



Malan: contas em dólares, não

ções de caixa. Ao garantir esse acerto (conhecido como *zera-gem*), o BC acaba fornecendo passivamente a moeda exigida pelo sistema financeiro, o que torna muito difícil o controle do dinheiro em circulação na economia. Com medidas como essa, dizem Malan e Franco, a expansão será menor que na época do Plano Cruzado, quando a base monetária (papel moeda emitido mais reservas bancárias) triplicou em quatro meses.

Juros e dólares — A emissão de dinheiro, hoje, é influenciada principalmente pelo ingresso de dólares. Com a taxa de juros elevada, é bom negócio trazer recursos de fora, a custo bem mais baixo, para aplicar em papéis do mercado fi-

nanceiro, especular com ações ou, simplesmente, financiar o giro dos próprios negócios. Mas isso pode mudar, diz Malan, com o quadro internacional: os juros têm aumentado nos Estados Unidos, desviando recursos que vinham sendo atraídos pelos mercados "emergentes", como o brasileiro.

Juros altos também têm estimulado exportadores a antecipar os contratos de câmbio. Esse fator, diz o presidente do BC, nem sempre é lembrado quando se fala no comércio exterior. Segundo Malan, tem havido exagero nos cálculos do atraso cambial. Com câmbio supervalorizado, argumenta, as exportações não cresceriam como têm crescido. Em todo caso, admite, os juros têm funcionado como uma compensação para o câmbio, constituindo um incentivo adicional aos exportadores.

O presidente do BC não diz como deverá ser a âncora cambial. Admite, simplesmente, que haverá algo dessa natureza e que poderão ser criadas medidas de apoio à exportação. Gustavo Franco foi pouco mais claro na sexta-feira, em São Paulo. Segundo ele, na primeira fase o câmbio poderá ficar fixo. Em seguida, poderá flutuar dentro de limites indicados pelo BC. Res-salvou, porém, que a decisão não foi tomada.

Segundo Malan, dificilmente haverá, pelo menos durante algum tempo, autorização para o exportador manter depósitos em dólares. Isso dispensaria o BC de intervir no mercado, emitindo reais para comprar moeda estrangeira, mas outros setores tenderiam a reivindicar igual tratamento. "A isonomia está na moda", comenta, mas o governo não poderia atender a outros setores.